

“DESEMPREGADO, E AGORA?”: UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO DESEMPREGO

“UNEMPLOYED, WHAT NOW?”: AN ANALYSIS ON THE PSYCHOSOCIAL IMPACTS OF UNEMPLOYMENT

DOI: 10.16891/2317-434X.v8.e1.a2020.pp362-371

Recebido em: 30.12.2019 | Aceito em: 20.02.2020

Ana Karine Sousa Cavalcante^{a*}, Jordan Chandley dos Santos Leal^b, Geórgia Maria Melo Feijão^b

Centro Universitário INTA - UNINTA^a
Faculdade Luciano Feijão^b

*E-mail: karine_cavalcante@hotmail.com

RESUMO

O desemprego constitui-se como uma condição potencialmente adversa de trabalho com implicações pessoais, sociais, econômicas e psicológicas. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo analisar o fenômeno do desemprego e os impactos sociais na vida do trabalhador. Para tanto foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória, de cunho qualitativo utilizando-se de um roteiro de entrevista semiestruturada com 10 desempregados. O corpus geral foi dividido em duas categorias de análise. A primeira discorre sobre o sentido dado pelos entrevistados ao trabalho. Já a segunda, discorre sobre os impactos do desemprego na vida pessoal, social, bem como na saúde financeira e mental dos participantes. Foi possível demonstrar com os resultados dessa pesquisa que os impactos provenientes da situação de desemprego não é apenas a situação financeira, mas afeta diversos âmbitos da vida.

Palavras-chave: Desemprego; Trabalho; Sofrimento.

ABSTRACT

Unemployment is a potentially adverse working condition with personal, social, economic and psychological implications. Given this, the present study aimed to analyze the phenomenon of unemployment and social impacts on workers' lives. To this end, a descriptive and exploratory research of a qualitative nature was conducted using a semi-structured interview script with 10 unemployed. The general corpus was divided into two categories of analysis. The first one discusses the meaning given by the interviewees to the work. The second, discusses the impacts of unemployment on personal, social life, as well as the financial and mental health of participants. It was possible to demonstrate with the results of this research that the impacts arising from the unemployment situation is not only the financial situation, but it affects several areas of life.

Keywords: Unemployment; Job; Suffering.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma palavra que emite diversos significados e funções construídas historicamente ao longo dos séculos. Sobre isso, Antunes (2009) argumenta que o trabalhador foi levado historicamente a se personificar nas suas atividades, ser reflexo daquilo que é exercido por ele, estabelecendo uma relação de dependência com o capital e diminuindo sua identidade própria como sujeito.

Diante disso, faz-se importante definir o que é trabalho. Arendt (2007) faz uma diferenciação entre “labor” e “trabalho”. Segundo a autora, labor se refere às atividades básicas do homem que estão ligadas à subsistência. Em contrapartida, trabalho se refere ao resultado de atividades que objetivam ultrapassar a existência terrena do indivíduo. Ou seja, durante toda a existência do homem, o trabalho é um instrumento que possibilita deixar algo para as outras gerações que não seja apenas a sua prole.

Neste sentido, Marx (2007) ressalta que o ser humano se constitui como ser social por meio de suas atividades de trabalho. Segundo ele, o exercício dessas atividades diferencia os homens dos animais, pois permite criar uma sociedade não apenas biológica, mas essencialmente social. Essa relação é algo que vem se firmando e se consolidando cada vez mais no contexto produtivo em que vivemos no qual se valoriza aquilo que é produzido. Somos colocados nessa dinâmica desde quando entramos na escola, reforçando essa forte identidade e significado social do trabalho. Também se faz importante separar o que é trabalho e emprego. Segundo Pochmann (2001), o trabalho, é aquilo que pode transcender a própria existência do homem, aquilo que o homem acredita que pode contribuir. O emprego é um ofício que fornece renda, que é exercido sob horários e possui, invariavelmente, um patrão.

Desta forma, Bendassolli et al. (2016) ressaltam que o trabalho se constituiu para o homem como um verdadeiro sentido de vida, visto que ele passa a maior parte de seu tempo trabalhando, mais do que vivenciando situações fora do espaço de trabalho, como o lazer e o convívio junto à família. O trabalho transformou-se de forma considerável e atualmente também é um meio para se relacionar com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter uma ocupação, para evitar o tédio e para ter um objetivo na vida. Uma grande parte dos trabalhadores tem no trabalho o único elo social fora do convívio familiar, passando assim, a ser um meio de inclusão social, de inserção em meios que, sem o trabalho, não seria possível fazer parte.

Nessa perspectiva, ainda segundo Bendassolli et al. (2016), mostra-se essencial refletir sobre a situação do

trabalhador que se encontra fora do meio de trabalho. O desemprego pode trazer consequências para sua saúde mental, uma vez que o trabalho representa algo tão significativo na vida dos seres humanos e no reconhecimento social. A situação de desemprego constitui, dessa forma, uma mudança na vida dos indivíduos. Os fatores de mudança podem ser variados, dependendo de indivíduo para indivíduo (RODRIGUES, 2014). Junto a esse processo, também ocorre transformações no conceito de trabalho, causando algumas consequências. O homem atual é submetido a uma série de exigências, pressões, que, muitas vezes com o fenômeno do desemprego, adoecimentos e frustrações veem à tona. De acordo com Coelho-Lima et al. (2019), a maioria dos estudos acerca do desemprego enfatiza o seu impacto na saúde, nas relações familiares, no uso do tempo e na sua relação com a criminalidade.

Tais mudanças podem acarretar alterações nos arranjos familiares, modificando, por exemplo, o peso da contribuição de cada membro na composição da renda familiar (COELHO-LIMA et al, 2019). Nogueira (2014) explica que o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho traz complicações a nível pessoal e relacional da vida dos indivíduos. O impacto não é igual para todos e pode afetar o seu bem-estar de forma que, para alguns indivíduos, a experiência é devastadora e para outros apenas mais uma etapa da vida em que terá que procurar outro emprego.

O desemprego também pode ser desencadeador de diversas patologias e distúrbios, podendo ser desde psicológicos a físicos. Nesse contexto, o emprego significa muitas vezes favorecimento da saúde mental (DEJOURS, 1993). A literatura evidencia que o emprego favorece a saúde mental e, pelo contrário, o desemprego contribui para o adoecimento mental, tendo um diferencial para os jovens, que em situação de desemprego, têm um maior risco de desenvolver problemas de saúde mental do que os jovens empregados (NOGUEIRA, 2014). O sofrimento psicológico no desemprego pode ser entendido como uma redução integrada da influência de categorias ambientais e fatores de construção, já que o sujeito mudará totalmente o seu cotidiano e suas relações pessoais (MARASCA et al., 2017).

O estresse e a angústia, por exemplo, são sintomas recorrentes dessa redução de categorias ambientais. Rodrigues (2014) explica que a perda de um emprego implica na ruptura entre o tempo de trabalho e tempo de ócio. A falta de rotina torna-se algo novo para o indivíduo desempregado. A ausência de um emprego faz com que o indivíduo perca esse contato, privando-se da participação social, isolando-se socialmente.

Por esse motivo, se faz tão importante pesquisar o fenômeno do desemprego. A vida do homem contemporâneo é completamente permeada pelo trabalho

e na eminência de sua ausência, o homem está mais propenso a sofrer diversas consequências. Dessa forma, o desemprego torna-se uma demanda para a psicologia e se faz extremamente necessário realizar os objetivos desta pesquisa, que é analisar o fenômeno do desemprego e os impactos sociais na vida do trabalhador.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

No presente estudo foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória, de cunho qualitativo, com a intenção de analisar o fenômeno do desemprego e os impactos sociais na vida do trabalhador.

Participantes

O presente estudo contou com a participação de 10 usuários do SINE Sobral/CE. Os critérios de inclusão foram: desempregados sem restrição de tempo de desemprego e maiores de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: empregados ou menores de 18 anos.

Instrumentos

Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, contendo questões sobre a percepção frente ao desemprego e o sentido construído a partir desse fenômeno.

Procedimento de coleta de dados

Houve inserção do pesquisador no SINE Sobral/CE a partir da anuência solicitada à referida instituição. Posteriormente foram selecionados 10 usuários por conveniência, com o perfil da pesquisa para realização da entrevista semiestruturada. Solicitou-se que estes lessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo foi elaborado de acordo com a resolução nº 466/12 sobre pesquisa envolvendo seres humanos, informando ao participante que se trata de um estudo científico e que todas as informações serão mantidas em sigilo, bem como o anonimato de sua participação. Em seguida foram feitas entrevistas individuais, em ambiente reservado, de escolha dos mesmos, com o auxílio do gravador.

Análise de Dados

Após a realização e transcrição das entrevistas, os dados obtidos foram analisados utilizando-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Realizou-se uma pré-análise (leitura flutuante), posteriormente a análise temática e por fim, o tratamento dos resultados.

Procedimentos éticos

Considerando-se os aspectos éticos referentes a pesquisas envolvendo seres humanos, o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú e aprovado com o parecer nº 2.442.622. Vale ressaltar que todos os participantes leram e assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido.

O tipo de procedimento apresentou um risco moderado, que foi reduzido pela garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa, e certeza de que os áudios das entrevistas não serão publicados, sendo manipulados exclusivamente pelos pesquisadores.

Os benefícios proporcionados pela pesquisa foram de dar oportunidade de escuta aos participantes, para falarem sobre os sentidos do desemprego dando oportunidade a eles de refletir sobre suas experiências e de colocarem seus sentimentos e significados sobre o tema. Além disso, esta pesquisa se torna importante tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade sobralense, pois aborda a complexidade de uma demanda que é cada vez mais eminente e alarmante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise das Categorias Temáticas

Duas categorias de análises foram identificadas após a análise do conteúdo das entrevistas: 1) Sentidos do trabalho; 2) Impactos do desemprego. As categorias foram elaboradas a priori com base nos eixos temáticos do roteiro de entrevista, sendo que mais de uma pergunta pode ter sido utilizada para compor uma mesma categoria. A Tabela 1 apresenta a descrição das categorias e subcategorias de análise resultantes da análise das entrevistas.

Tabela 1. Descrição das categorias de análise

<i>Categoria 1</i>	Sentidos do Trabalho
<i>Subcategorias</i>	Independência financeira
	Ocupação
	Convívio social
<i>Categoria 2</i>	Impactos do Desemprego
<i>Subcategorias</i>	Dificuldade financeira
	Conflitos familiares
	Sofrimento Psíquico
	Sentimento de inutilidade

Categoria 1: Sentidos do Trabalho

A presente categoria discorre sobre o sentido dado pelos entrevistados ao trabalho e a relação que os mesmos fazem com os benefícios que o trabalho traz a suas vidas.

Durante as entrevistas foi possível identificar que o sentido que os participantes davam ao trabalho era estritamente ligado à necessidade de se manter financeiramente. Os participantes não tinham o trabalho como sentido da vida, mas o tinham como centro de suas vidas. No decorrer das entrevistas, solicitamos que fosse respondido sobre algumas experiências e visões sobre a importância de um emprego e a percepção que eles tinham do emprego anterior. Foi possível ouvir relatos sobre como o emprego é importante para os participantes, como é possível observar nesses relatos:

Hoje em dia o emprego pra mim é tudo! É tudo na minha vida. Dinheiro eu dependo pra pagar minhas contas. O emprego é essencial na vida do ser humano né? Sem emprego a gente não é nada. Eu já amanheço o dia com o juízo fraco. Pensando onde eu vou...não acho emprego. As vezes eu rodo sobral e as pessoas “não..não tem vaga.” Ai a gente vai ficando meio preocupado, né? Com a situação financeira. Chega o final do mês e você não tem dinheiro pro aluguel, água, luz. É ruim demais né? (P. 4)

Emprego é renda! A primeira coisa é a renda, sustentabilidade. Pra tudo, pra você pagar faculdade, sobrevivência. (P. 8)

Como é possível atentar, o emprego está diretamente atrelado ao dinheiro, que acaba se tornando o principal motivo quando se fala de emprego para a maioria dos participantes. Essa afirmativa corrobora com a pesquisa de Schweitzer et al. (2016) que mostrou que o emprego se torna central na vida das pessoas pelo fato de que o consumo se tornou central em nossa sociedade. Logo, aquilo que lhe dá subsídios para consumir, ou seja, o emprego, torna-se essencial na vida dos sujeitos. Também está alinhado com Marasca et al. (2017), que argumentam que a função social do trabalho, principalmente em nossa sociedade ocidental, é a saúde financeira.

Ainda sobre o sentido que os participantes projetam no trabalho, quando foi solicitado que falassem sobre a experiência do último emprego, vieram respostas que demonstraram saudade e arrependimento, como se observa nesses relatos:

Eu achava bom. Você sabe que nas casas de família sempre tem a...você sabe como é né? Cobrança... Em todo emprego né? A cobrança era mais pra cuidar da casa, cuidar dos meninos, mas achava bom. (P. 10)
Sinto saudade. Por que é o que eu sei fazer né? Passei 11 anos na empresa. (P. 5)

É importante citar que, no momento em que eram questionados sobre o emprego anterior, a maioria dos participantes falavam de maneira triste sobre o assunto,

deixando transparecer saudade, corroborando com Marasca et al. (2017), que afirma que mesmo que saibamos o caráter subjetivo das pessoas, o sentimento frente a uma situação de desemprego é sempre traumática, carregada de sentimentos de culpa por não ter continuado no seu posto de trabalho. Em situações de demissões, os trabalhadores tendem a culpar a si mesmos primeiramente, pois delegam a eles toda a situação que originou a perda daquele trabalho.

1.1 Independência financeira

Outro fato importante encontrado dentro da categoria sentido do trabalho é a própria independência financeira. Uma pesquisa realizada por Rodrigues (2014) sobre a mudança de trabalhador para desempregado, demonstra que o sentimento de independência financeira é muito mais importante para o sujeito atualmente do que o senso comum possa imaginar. A independência financeira é estar ativo na sociedade, sentir-se incluído e gozando de uma posição de quem consegue usufruir com seu próprio dinheiro e garantir a sua subsistência. A fala de alguns dos participantes vem corroborar com essa reflexão:

Se falta coisa pro filho, se falta coisa pra gente mesmo que quer ir pra um canto, fazer um cabelo, alguma coisa, as vezes toda hora ele (marido) não quer dar né? O emprego é muito importante por que a pessoa tem o próprio dinheiro da gente pra fazer o que quiser né? Comprar roupa...e ajudar também ele (marido) né? ...a pessoa é independente. (P. 10)

A pesquisa de Nogueira (2014) é muito clara quando chega a conclusão de que a independência financeira é ponto de equilíbrio inclusive para uma boa saúde mental. Apesar de sua pesquisa ter sido realizada em Portugal, o contexto de crise econômica em que se encontrava o país colocava a independência financeira das pessoas em crise, onde em sua maioria se apoiaram em suas famílias para se manter com uma certa saúde financeira, onde Nogueira (2014) argumentar que saúde financeira não é o fato de ter dinheiro, mas o que é possível fazer com ele.

1.2 Ocupação

Ocupação foi outro fator presente na fala de diversos participantes, onde citavam que o trabalho é além de independência, uma ocupação de tempo, como é possível perceber no relato abaixo:

Quando tá desempregado não tem paciência. Você trabalhando na empresa, quando você está trabalhando...como se diz? ...esquece o que acontece em casa. (P. 6)

Por que eu não gosto de tá parada em casa. Assim, se eu saio eu acho bom por que o tempo passa rápido. To fazendo alguma coisa. E pra mim ficar em casa, parada, sentada, sem fazer alguma coisa, assistindo televisão e fazendo nada eu fico...menino eu fico com uma coisa ruim. (P. 10)

Como é possível reparar, muitas vezes o trabalho se torna subterfúgio para os participantes se tornando um passatempo eficiente. Rodrigues (2014) argumenta que o problema nesse assunto não é estar ocupado ou não, mas sim o tipo de ocupação, se é ocupação produtiva ou improdutiva. A ocupação produtiva seria aquela que traz retorno financeiro e a ocupação improdutiva seria aquela que não traz retorno financeiro, que seria o caso da participante 10, em que a mesma estava ocupada, mas não se contentava em não estar sendo remunerada.

1.3 Convívio Social

Dentro da categoria sentidos do trabalho, foi possível elencar a subcategoria convívio social de forma destacada, sobretudo quando foi solicitado que falassem sobre o que havia mudado desde quando ficaram desempregados, como é possível descobrir nos relatos a seguir:

Sinto falta de lazer né? Sair, ir pra casa de um parente. Não faço mais por que to desempregado. (P. 4)

Pegava amizade com as pessoas né? Era bom demais. Saber que tá fazendo parte daquela coisa. Na farmácia que eu trabalhava tinha uns 15 atendentes e ainda mantenho amizade com todos. Me sentia bem pelo trabalho e pelas pessoas. Gostava de manter relações com eles. (P. 9)

Quando estava trabalhando eu frequentava alguns lugares como shopping, cinema... Mas depois disso acabou ai. Não existe shopping, lazer, acabou. Isso é regalia pra que está trabalhando. (P. 8)

Acompanhando essa perspectiva, Dale e Dias (2018) argumentam em seu estudo que o trabalho se tornou tão frequente no cotidiano das pessoas, que o maior motivo e responsável pelo convívio social é o próprio trabalho, no qual fornece ao indivíduo o conhecimento de

novas pessoas e situações. Bendassolli et al. (2016) também corroboram com nosso resultado quando ressaltam que o trabalho se transformou para o homem como uma ferramenta de sentido de vida, visto que o homem contemporâneo passa a maior parte de seu tempo trabalhando, onde se relaciona com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter uma ocupação, e para evitar o tédio.

Categoria 2: Impactos do Desemprego

A presente categoria discorre sobre os impactos do desemprego na vida pessoal, social, bem como na saúde financeira e mental dos participantes.

Durante as entrevistas foi possível identificar que, na visão dos participantes, mensurar os impactos do desemprego é difícil por se tratar de um fenômeno que envolve diversos fatores. No decorrer das entrevistas, solicitamos que fosse respondido sobre a experiência de se estar desempregado, o antes e o depois do desemprego e sobre percepções de sofrimento psíquico. Foi possível constatar que os impactos do desemprego são diferentes quando levamos em consideração idade, escolaridade, estado civil, tempo de desemprego e filhos, mostrando que o desemprego afeta diversos setores da vida de uma pessoa, indo desde sua autoestima até suas relações familiares. Também foi possível perceber que, em sua maioria, o desemprego atingiu os participantes de forma involuntária, ou seja, foram demitidos pelos seus empregadores, se encaixando na visão de Nogueira (2014) quando argumenta que a maioria dos processos de desemprego acontece no processo chamado desemprego conjuntural, que seria o processo de crises econômicas e baixas taxas de consumo de uma população. Podemos notar esse processo em um dos relatos abaixo:

A empresa lá teve baixa na produção e como eu fazia parte da esteira, fui incluído no corte. 150 esteiras foram pra fora. Ao todo umas 4 a 5 mil pessoas. (P. 5)

O participante 05 é resultado de um processo de desemprego conjuntural, no qual a baixa demanda e consequente baixa da produção fez com que a empresa demitisse um grande número de pessoas.

2.1 Dificuldade financeira

Uma subcategoria importante encontrada dentro da categoria impactos do desemprego é a dificuldade financeira em que os participantes diziam estar passando. Não por acaso, esta subcategoria é o oposto de independência financeira já mencionada anteriormente.

Rodrigues (2014) assevera que o desemprego é um desencadeador de uma reestruturação financeira, onde o indivíduo será obrigado a direcionar e racionar melhor os seus gastos e passar a consumir cada vez menos. Podemos associar essa percepção ao seguinte relato:

Há 15 dias eu tive que vender minha moto. Uma yamahazinha. Tive que vender ela pra sustentar a casinha e hoje em dia eu paguei 2 meses de aluguel, fiz umas compras, tem a pensão né? Difícil. Quer dizer...amanhã tô sem nada. Se eu chegar até o final do mês sem nada eu fico mais apertado. (P. 4)

É notório o fato de que ao ficar desempregado, a dificuldade financeira aparece em seguida na maioria das vezes. Aqui também notamos uma diferenciação entre o emprego/trabalho e renda. O participante 04 não estava trabalhando e tampouco tinha emprego, mas o mesmo conseguiu uma renda com a venda de sua moto. Outro fator interessante é que os benefícios advindos de uma demissão diminuem os impactos do desemprego, mesmo que esses impactos sejam inevitáveis em médio prazo. Podemos notar esse fato nesse relato:

Até o momento que eu tava gastando o dinheiro não estava sentindo nada. Quando acabou as consequências vieram né? Recebi FGTS, os 40% dos direitos né? Rescisão do contrato, tudo completo. Quando acabou eu tive que rebolar né? (P. 5)

É interessante repararmos que, nesse caso, o participante relatou não estar sentindo o impacto do desemprego até o dinheiro da rescisão acabar. Ou seja, em algumas situações, a ociosidade não incomoda.

2.2 Conflitos familiares

A presente subcategoria discorre sobre os conflitos familiares que surgem atrelados ao fenômeno do desemprego e as consequências que esses conflitos familiares causam tanto no convívio doméstico quanto na saúde mental dos participantes.

As questões de conflitos familiares surgiram de forma mais explícita nas entrevistas, sobretudo quando solicitado que os participantes falassem sobre as consequências desemprego em suas vidas. Foi possível atentar que os conflitos familiares são mais presentes quando os participantes são casados e possuem filhos, o que faz com que o casal tenha que escolher o que consumir e com que frequência. Podemos perceber no relato a seguir que pertence a uma participante casada e mãe de um filho:

Eu casei há pouco tempo. Ai eu era solteira e eu não me impactava muito. Era só eu mesma e não tinha nem meu filho. Ai quando a gente não tem filho não sente. Agora não. Tem meu marido, tem meu filho né? Isso contribui muitas coisas. Por que ele trabalha em São Paulo e ganha um salário lá... Ai manda um pouquinho de dinheiro e o dinheiro só dá mesmo pra comer né? (P. 10)

Neste outro, o relato de um participante também casado e pai de um filho:

Eu to todo dia aqui. To desempregado. Fiz até amigos aqui no SINE. Ai chego em casa e dá pequenos conflitozinhos né? Ai é que às vezes acaba o relacionamento. Você não tem cabeça pra nada e se a mulher não entender você se perde não é verdade? Dá vontade às vezes de sair de casa. Volta desanimado. Todo dia eu to aqui e não aparece praticamente nada! Nada! (P. 4)

É possível notar a diferença de discurso ao compararmos agora com uma participante solteira e sem filhos. Ao ser questionada sobre os impactos de ter ficado desempregada, obtivemos o seguinte relato:

Ai...normal. Eu tive que sair por causa dos estudos. Por que eu tinha que ajudar minha mãe. Eu estou aqui justamente pra ajudar ela, entendeu? Por que ela está desempregada. E pra me ajudar também né? (P. 9)

Em seguida, perguntada sobre quais atividades fazia quando trabalhava e quais atividades faz agora que está desempregada, tivemos a seguinte resposta:

Ah! Sei não. Está tudo do mesmo jeito. (Risos) Só não trabalho mais. Ainda faço compras...mas não como antes, né? Por que quando o dinheiro é da gente a gente faz o que quer. (P. 9)

Essa percepção está totalmente relacionada ao estudo de Marasca et al. (2017), que chegou a conclusão que o trabalho, mais do que uma atividade produtiva, é a possibilidade de se manter uma família, logo, sua ausência causa efeitos negativos no âmbito familiar.

2.3 Sofrimento Psíquico

A presente subcategoria discorre sobre o sofrimento psíquico que os participantes da pesquisa

sofreram pelo fato de estarem desempregados e/ou que seus familiares sofrem por ocasião da situação financeira da família. É interessante asseverar que os participantes não conseguiam diferenciar o que era de fato sofrimento psíquico de adoecimento mental. Dessa forma, por vezes, alguns se referiram ao estresse, ansiedade, como adoecimento e não como uma característica natural em situação de angústia, etc.

O relato de sofrimento psíquico surgiu em alguns participantes quando perguntados se em algum momento sentiram sofrimento psíquico ou adoecimento mental por causa do desemprego. É possível evidenciar tais transtornos em alguns relatos. Quando perguntado sobre sofrimento psíquico, um dos participantes deu a seguinte resposta:

Lógico! Depressão né? Desanimo de sair de casa, eu chego aqui (SINE) pra as vezes distrair a mente. (P. 4)

Também foi possível perceber que mesmo quando os participantes não notam sofrimento psíquico, seus familiares sofrem com tal situação de desemprego. Quando solicitado que a participante respondesse se haviam casos de adoecimento psíquico na família por ocasião do desemprego, obtivemos este relato:

Sim. Minha mãe. Ela era doméstica. Ela está desempregada, mas está sempre buscando emprego. A patroa dela passou por uma dificuldade financeira e teve que demitir ela ai eu quero ajudar ela com um emprego. É mais pra ajudar ela do que pra me ajudar. Hoje ela está em Fortaleza. Assim que eu arrumar um emprego eu trago ela pra morar comigo. (P. 9)

Todos esses relatos corroboram com as pesquisas de Rodrigues (2014); Marasca et al. (2017) e Dale e Dias (2018), onde ambos chegaram a conclusão que o indivíduo ao ficar em situação de desemprego tem uma maior probabilidade de experimentar níveis elevados de depressão, ansiedade, stress e angústia juntamente com baixa autoestima e baixa confiança. Podemos ter outro exemplo particular, em que o participante é jovem e está cursando ensino superior. Na situação de desemprego, angústia e baixa autoestima estavam presentes no seu relato:

Fiquei muito triste. Fora a tristeza, fica meio receoso, por que pensa que não vai arranjar outro emprego. Fica com peso na consciência...fica pensando né? Será que eu vou

conseguir de novo? O que eu tenho que fazer pra buscar mais. Você fica pensando nisso. Ta entendendo? (P. 8)

Este relato acompanha a pesquisa de Rodrigues (2014), que chegou a conclusão que em situação de desemprego, os jovens sofrem pelo fato de que esta situação traz incertezas sobre seu futuro e medo de não conseguir um novo emprego.

2.4 Sentimento de inutilidade

Quando foi solicitado que definissem o sentimento frente ao episódio em que ficaram desempregados, as respostas obtidas demonstraram, além de desânimo, arrependimentos e frustrações de não terem conseguido se manter no emprego anterior e também sentimentos de inutilidade, como é possível notar nos relatos abaixo:

Foi ruim né? A gente fica em casa e às vezes fica um pouco estressada né? Além disso, ainda...falta dinheiro e também...(suspiro) a gente se sente meio inútil, sei não...de não tá trabalhando. E o tempo não passa. (P. 10)

Tenho algum dinheiro pra receber, umas contas que eu recebi. Mas com o passar do tempo vai desesperando um pouco. O tempo passa e não vai aparecendo nada. Ai vai piorando. (P. 2)

Eu trabalhei por 4 anos no último emprego. Ficar empregado é bom. O cara desempregado é ruim demais. O cara fica sem paciência. Só em casa, parado, sem fazer nada. Até besteira dá pra fazer. O cara desempregado dá pra fazer besteira. Trabalhando não. Você tem seu salariozinho certo todo mês, é bom pra sustentar a família...desempregado não dá não. (P. 6)

Como é possível constatar, o sentimento de inutilidade está presente nesses relatos e também implícito no discurso dos outros participantes. Como explica Silva (2015), a ocupação e passa tempo é algo que também está relacionado ao fato de estar empregado. Também é possível justificar esse sentimento pelas constantes mudanças no sentido e função social do trabalho, que segundo Antunes (2009) tornou-se mais central, fazendo o trabalho ter um papel determinante na representação social do sujeito e definir se o mesmo é produtivo ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do desemprego é atual e está associada a vários outros temas importantes como trabalho, economia, saúde mental e financeira. A ideia de que o desemprego não teria o mesmo significado para todos e a influência que o mesmo exerce sobre cada sujeito pareceu pertinente e relevante para se justificar esta pesquisa, a qual tem o objetivo de analisar o fenômeno do desemprego e os impactos sociais na vida do trabalhador.

Durante as leituras dos diversos autores mais recentes e relevantes que falavam e pesquisaram sobre o assunto, foi possível constatar que o desemprego afetava além do aspecto financeiro. Este é apenas o fator mais explícito, quase de causa e efeito, sendo o primeiro problema proveniente de uma situação de desemprego. Dessa forma, o impacto financeiro é apenas a ponta do iceberg, sendo desencadeador de diversos problemas sociais e, como foi possível constatar na pesquisa, até mentais. O desemprego coloca o trabalhador em uma situação de desconforto dentro da sociedade, fazendo o indivíduo ficar inativo não apenas em suas atividades profissionais, mas em seu consumo, dívidas e em seu convívio social.

A constante mudança ao longo dos anos sobre os significados de trabalho e sua centralidade cada vez mais estabelecida na sociedade atual, faz com que os impactos do desemprego sejam mais potencializados e seu processo seja mais traumático. Somando a isso com o nosso momento atual de crise financeira e consequente diminuição de postos de trabalho, o desemprego se torna dramático para os sujeitos. O trabalho exerce tamanha influência no indivíduo, que o número de desempregados em nosso país permeia atualmente os principais debates políticos e sociais no Brasil.

Os resultados demonstraram que, tal como esperado, o desemprego afeta diversos setores da vida de um indivíduo, indo desde sua autoestima até suas relações familiares. Porém, o caráter subjetivo com o qual as pessoas tratam o desemprego é o ponto a se destacar. Os diversos perfis contemplados pela pesquisa ajudam a entendermos que os impactos do desemprego são diferentes quando levamos em consideração idade, escolaridade, estado civil, tempo de desemprego e filhos. Apesar da diferença subjetiva relacionada às diferenças de perfis, é notório um ponto em comum entre todos os participantes: a dificuldade financeira. Os entrevistados também transmitiam um sentimento de desesperança em relação a encontrar um novo emprego, resultado do contexto de crise econômica atual no Brasil.

O trabalho, mesmo com as diversas modificações ao longo dos anos, ainda é visto pelos participantes como fator de subsistência. O fato de a renda da maioria dos

participantes não ultrapassar a de um salário e meio contribui para essa percepção. Eles reconhecem que o trabalho é importante para o convívio social, para a sua identidade, mas a realidade financeira os leva a focar e ver o trabalho como subsistência.

Neste ponto a pesquisa apresenta sua limitação, onde não foi possível entrevistar pessoas desempregadas de classes sociais mais altas, o que ajudaria a comparar até que ponto se diferencia o impacto do desemprego no público de classe média baixa e o de classe média alta. Para estudos futuros, esperamos contrariar essa limitação e avaliar sujeitos que fazem parte desses dois grupos, esclarecendo e mensurando seus impactos e suas distinções. Também esperamos pesquisar as relações de gênero nessa temática, para mensurarmos a diferenciação dos impactos do desemprego nas mulheres e nos homens. Contudo, esperamos que esta pesquisa contribua para uma melhor compreensão das consequências do desemprego e deixar claro que essas consequências não são apenas financeiras.

Verificou-se que o desemprego é um fenômeno extremamente complexo e passível de ser estudado em conjunto com outras dimensões como o trabalho, economia e doenças mentais, considerando o sujeito desempregado e a sua subjetividade, sobretudo quando fazemos a interlocução entre desemprego e o indivíduo no mundo do trabalho. No decorrer de toda as entrevistas, foi possível constatar uma passividade dos participantes em relação a situação em que se encontravam. De certa forma, eles estavam esperando algo de alguém, seja governo, pais, amigos, etc. A desesperança em melhorar a suas situações eram nítidas e o contexto atual de escassez de empregos só potencializa essa percepção.

Com todos esses fatores, se faz importante pontuar a necessidade de intervenções e apoio psicológico aos indivíduos em situação de desemprego, principalmente aqueles indivíduos que foram mais impactados com tal situação. Também é possível vislumbrar a atuação da psicologia em um trabalho de prevenção e conscientização sobre os prováveis impactos que uma situação de desemprego pode trazer, desenvolvendo recursos de apoio e acompanhamento a essas pessoas. O desemprego, como a pesquisa pode mostrar, já é um dos principais causadores de depressão, ansiedade e desesperança. A demanda para a psicologia na temática do desemprego é alarmante e mostra como nossa sociedade pode adoecer em situações como essa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. I. C. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. Ed. São Paulo. Boitempo Editorial, 2009.

ARENDDT, H. A condição Humana. 10 Ed. Rio de Janeiro. Forense universitária, 2007.

BARDIN, L. (1979). Análise de conteúdo (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70/ Martins Fontes. (Original publicado em 1977).

BENDASSOLLI, Pedro F. et al. The Meaning of Work during Short-term Unemployment. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 123-132, Mar. 2016. Retirado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722016000100123&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 Feb. 2020. <https://doi.org/10.1590/010237722016012674123132>.

COELHO-LIMA, Fellipe et al. As vivências do desemprego entre trabalhadores no interior do Rio Grande do Norte. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 22, n. 1, p. 99-115, 2019.

DALE, Alana Pires; DO AMARAL DIAS, Maria Dionísia. A 'EXTRAVAGÂNCIA' DE TRABALHAR DOENTE: O CORPO NO TRABALHO EM INDIVÍDUOS COM DIAGNÓSTICO DE LER/DORT. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 16, n. 1, p. 263-282, 2018.

DEJOURS, J.C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. 1 ed. São Paulo. Atlas, 1993.

MARASCA, Leticia et al. Desemprego no Brasil: Uma Análise Política, Econômica e Social/Brazilian Unemployment: A Political, Economic and Social Analysis. *Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)*, v. 14, n. 3, p. 86-107, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

NOGUEIRA, J. M. F. V. N. *Consequências Psicológicas do Desemprego*. 2014. 78 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa, 2014.

POCHMANN, M. *O emprego na globalização: A nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo. Boitempo, 2001.

RODRIGUES, A. R. C. *Os Desempregados – Perspectivas de vida em contexto de mudança*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestre em Educação Social) – Instituto Politécnico de

Bragança. Bragança, 2014.

SILVA D. A. MARCOLAN J. F. Desemprego e sofrimento psíquico em enfermeiras. Rev Bras Enferm. 2015; 68(5):493-500.

SCHWEITZER, Lucas et al . Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. Rev. Psicol., Organ. Trab., Brasília , v. 16, n. 1, p. 103-116, mar. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198466572016000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 fev. 2020